

terrasdabeira

Imprimido em 31-07-2013 17:17:47

Jornal TERRAS DA BEIRA

Edição de 01-08-2013

Versão original em: <http://www.terrasdabeira.com/index.asp?idEdicao=828&id=42128&idSeccao=7373&Action=noticia> >

SECÇÃO: Opinião

LOBO

O lugar do lobo

Muitas vezes ouvimos falar de “ecossistema”. Mas trata-se de uma expressão talvez pouco clara; há quem pense que significa uma mera colecção de animais e plantas, um puzzle simples onde não seria muito difícil trocar ou eliminar peças. Mas não; cada ecossistema é como um complicado mecanismo relojoeiro, onde a mais minúscula engrenagem, mesmo que não o percebamos à primeira vista, faz falta ao bom funcionamento do relógio. O pior é que se mexermos no nosso despertador, quando muito teremos de comprar outro; alterar a ordem da Natureza, mesmo com boas intenções, pode resultar em desastres impossíveis de emendar, acarretando consequências até para os seres humanos.

Um exemplo: em 1935, uma centena de sapos marinhos foi libertada na Austrália, com a missão de erradicar os escaravelhos cujas larvas andavam a dizimar as plantações de cana-de-açúcar. Em poucos anos, os sapos, venenosos e bastante férteis, multiplicaram-se e conquistaram território, sendo hoje mais de 200 milhões. Várias espécies estão ameaçadas de extinção por envenenamento ou por doenças espalhadas pelos sapos invasores. Para compor o ramalhete, a importação destes animais nem diminuiu os efectivos do nocivo escaravelho que devia combater...

Um ecossistema é, em termos simples, uma comunidade de seres vivos que interage com o seu habitat, constituindo um sistema de interdependências mútuas. O desaparecimento de um animal-chave num destes sistemas complexos pode desencadear um outro desastre: o efeito de cascata, em que uma extinção leva a outras que em seguida causam mais umas quantas, e por aí fora. Por exemplo, em África, a escassez de leões e de leopardos levou à proliferação dos babuínos, que trataram depois de liquidar a caça antes consumida pelos aldeões locais, destruindo também as suas culturas e contaminando-as com parasitas intestinais. No parque americano de Yellowstone, o fim da última alcateia de lobos, há 80 anos, resultou num empobrecimento drâmático da flora, consumida por herbívoros cada vez mais numerosos. Em Portugal, é bem sabido que o desaparecimento do lobo não leva à abundância de lebres, antes pelo contrário; predadores como a raposa e a fuinha, livres da ameaça do lobo, multiplicam-se e caçam todas as lebres que encontram.

As alcateias, aliás, tiveram durante séculos um papel crucial no nosso ecossistema; reduzindo o número de cães vadios e alimentando-se de presas silvestres como o javali e o veado, que, em quantidades exageradas, são uma praga para os campos cultivados. Regressando ao equilíbrio natural, as populações de espécies cinegéticas estabilizariam, sobrando ainda exemplares suficientes para satisfazer o predador de topo... o Homem.

Eis uma excelente razão para não combatermos a recente intensificação da presença do lobo nas nossas serras: ele tem uma missão na Natureza que nos rodeia e alimenta. Não seria em jardins zoológicos que a conseguiria cumprir. A sua extinção definitiva acabaria certamente por nos prejudicar, ainda mais do que hoje conseguimos prever. E ficaríamos com uma herança bem mais pobre para deixar aos nossos filhos.

© 2003 Terras da Beira - Produzido por ardina.com, um produto da Dom Digital.

Comentários sobre o site: webmaster@domdigital.pt.

[Fechar](#)